

PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM EM PORTADORA DE SÍNDROME DE TURNER

Alexandre Assumpção da ROSA

Gisele Benck de MORAES

Universidade de Passo Fundo

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo fornecer informações acerca do processo de aquisição de linguagem, traçando um paralelo teórico entre crianças consideradas normais e entre uma portadora de Síndrome de Turner com um ano e meio de idade, como também, as especificidades de tal síndrome. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica baseada na vertente teóricas do Sócio interacionismo, bem como em trabalhos de análise da linguagem, e com estudo interpretativista dos dados com base em observação *in loco*, além de pesquisas da área médica acerca dessa síndrome. A pesquisa foi desenvolvida no período de agosto de 2009 a maio de 2010. Acreditava-se, antigamente, que tal síndrome causasse algumas dificuldades ao processo cognitivo, acarretando, inclusive, retardo mental, o que não foi comprovado por este trabalho. Para sua realização, buscou-se apoio, também, na área da Psicologia, o que deu maior segurança na interpretação dos dados. Evidenciou-se que a criança portadora de Síndrome de Turner pesquisada possui uma capacidade cognitiva para aquisição da linguagem / língua materna até superior, porém, devido ao tamanho físico menor, tende a isolar-se socialmente, como também, a não ser estimulada de acordo com a idade, e sim de acordo com o biotipo diminuto.

Palavras-Chave: Linguagem; Processo de Aquisição; Síndrome de Turner; Cognição

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que estudos relacionados à linguagem estão em processo de aprofundamento e investigação. Dentro dessa realidade, surge uma questão relacionada à área de Psicolinguística buscando-se um olhar mais amplo do processo de aquisição de linguagem. Assim, em um determinado dia, ao olhar para sua filha, com um ano e meio de idade, que é portadora de Síndrome de Turner¹, comprovado por exame de amniocentese², o autor do trabalho observou que ela apresentava dificuldades em emitir alguns sons relacionados a palavras que normalmente crianças com esta idade já dominam, ou que apresentam um desenvolvimento maior. Desta forma, a curiosidade acerca do processo de aquisição de linguagem começou a palpitar mais forte, sendo que ao buscar informações sobre a Síndrome de Turner, que a partir de agora será chamada de ST, deparou-se com uma grande dificuldade em obter tais dados.

Então, a partir disso, buscando um aprofundamento de informações, com a ajuda dos dados obtidos, propôs-se a traçar um paralelo teórico entre uma criança com ST e outra sem ST, no que se refere ao processo de aquisição de linguagem, sendo que este estudo poderá vir a contribuir para a compreensão de como uma portadora de ST realiza esse processo.

No sentido de compreender esse processo, buscou-se em Vigotsky³ o embasamento teórico que acredita-se necessário a esta pesquisa. Para ele, a criança passa por quatro estágios na formação da fala, sendo eles: o primitivo ou natural, o de psicologia ingênua, o da fala egocêntrica e finalmente o de crescimento interior (2005, pág. 57). Contudo, não se sabe se esse processo se dá da mesma forma em crianças portadoras de ST, entretanto sabe-se que ele pode diferir devido as mudanças cerebrais decorrentes dos diferentes níveis de hormônio de crescimento apresentados.

Por meio deste trabalho pretende-se conhecer, de modo mais amplo, dados de investigações realizadas tanto nas áreas de Letras, Psicolinguística,

1 Explicado no terceiro capítulo deste trabalho.

2 AMNIOCENTESE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2009.
Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Amniocentese&oldid=17476386>>.
Acesso em: 23 mar 2010

3 VIGOSTKY, Lev Semenovitch.

Psicologia e Médica no que se refere a aquisição de linguagem em crianças portadoras de ST, entre um ano e meio a dois de idade, traçando um paralelo com crianças que não apresentam tal síndrome. Para tanto, faz-se necessário conhecer as características físicas, neurológicas, psíquicas e/ou sociais que possam afetar direta ou indiretamente o processo de aquisição de linguagem em tais indivíduos. Deve-se, ainda, aprofundar os conhecimentos acerca do processo de aquisição de linguagem, bem como as especificidades dessa síndrome, além, é claro, de buscar dados relevantes de pesquisas relacionadas à ST que possam auxiliar na compreensão do modo pelo qual se opera a aquisição de linguagem.

A ST é uma síndrome pouco estudada na área da Educação, e convém que se compile tais dados para que, futuramente, teóricos da área possam ajudar a promover um efetivo desenvolvimento cognitivo, intelectual e social em suas portadoras.

2 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Neste capítulo abordar-se-á uma vertente teórica, que, *à priori*, é de suma importância para a presente pesquisa: a perspectiva Sócio-interacionista de Vigotsky. Também mostrar-se-ão algumas pesquisas relacionadas à aquisição, de Victor Acosta e Raquel Santos.

2.1 A Teoria Sócio-interacionista de Vigotsky

Para se compreender o processo de aquisição de linguagem em portadoras de ST, primeiramente devemos compreender esse mesmo processo em crianças consideradas “normais”, ou seja, não portadoras de ST.

Para isso, conta-se com o auxílio de Vigotsky. Para ele “a fala é o sistema mediador entre a transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outras pessoas, que se oriunda da necessidade de intercâmbio” (2005, pág. 07). Esse intercâmbio é o modo como a criança lida com o mundo real. Assim Vigotsky, em consonância com as pesquisas de Stern⁴, traça a

4 William Stern. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. Disponível em:

idade de um ano e meio ou dois para a criança começar a perceber que cada objeto possui seu símbolo permanente e um padrão sonoro que o identifica, ou seja, que cada coisa tem um nome (2005, pág. 33). No entanto, com crianças portadoras de ST, não se pode afirmar se realmente esse período é respeitado ou não.

Vigotsky também mostra que durante a fase pré-verbal o choro e o balbucio da criança são estágios do desenvolvimento da fala que, segundo ele, “não tem nenhuma relação com a evolução do pensamento, sendo consideradas formas de comportamento predominantemente emocional” (2005, pág. 52).

Ainda para Vigotsky, há quatro estágios no desenvolvimento da fala (2005, pág. 57). O primeiro é o natural ou primitivo, onde a fala pré-intelectual e o pensamento não verbal são predominantes. No segundo, chamado de psicologia ingênua, a criança experiencia as propriedades físicas dos objetos, bem como do seu próprio corpo, sendo considerado o primeiro exercício da inteligência prática. Já o terceiro estágio, se caracteriza pela fala egocêntrica e pelo uso de instrumentos externos para a solução de problemas. Já o quarto estágio, é chamado de estágio de “crescimento interior”, pois a criança passa a utilizar a memória lógica, ou seja, passa a operar com relações intrínsecas e com signos interiores.

Basicamente, Vigotsky conclui que:

A fala interior se desenvolve mediante um lento acúmulo de mudanças estruturais e funcionais; que se separa da fala exterior das crianças ao mesmo tempo que ocorre a diferenciação das funções social e egocêntrica da fala; e, finalmente, que as estruturas da fala denominadas pela criança tornam-se estruturas básicas de seu pensamento.(2005, pág. 62)

Para compreender a questão social do processo de aquisição de linguagem, buscou-se, no artigo com trecho transcrito a seguir⁵, que acredita-se vem ao encontro da questão psicossocial da aprendizagem, bem como com o processo interacional do desenvolvimento:

[http://www.infopedia.pt/\\$william-stern](http://www.infopedia.pt/$william-stern) >. Acesso em: 23 nov 2009

5 OLIVEIRA, Marta Khol de; Vigotsky e o processo de formação de conceitos. In: LA TAILLE, Yves de (org.). Piaget, Vigotsky, Wallon. São Paulo: Summus, 1992, pág. 23 a 34.

As proposições de Vigotsky acerca do processo de formação de conceitos nos remetem à discussão das relações entre pensamento e linguagem, à questão da medida cultural no processo de construção de significados por parte do indivíduo, ao processo de internalização e ao papel da escola na transmissão de conhecimentos de natureza diferente daqueles aprendidos na vida cotidiana. (1992, p. 23)

Sabemos agora que a criança passa, primeiramente, por um processo de aquisição de conceitos para, posteriormente, adquirir a linguagem e a capacidade de formular outros conceitos mais complexos.

Porém, ao considerar que a criança pode adquirir essa conceitualização sozinha, de forma espontânea, como isso se daria? Ou essa aquisição seria somente a partir da colaboração social, seja de adultos ou de outras crianças mais “competentes”? No entanto, para Vigotsky, a cultura, termo que poder-se-ia dar nova significação para Identidade Social, é totalmente relevante para o desenvolvimento conceitual do indivíduo, pois é através dela que ele passa a observar, compreender e interagir com o mundo, fazendo com que essa Identidade Social passe a ser parte dele mesmo.

Para deixar mais claro esse argumento, buscamos em Marta Khol, ao comentar o trabalho de Vigotsky, a síntese necessária. Segundo ela:

O processo pelo qual o indivíduo internaliza a matéria-prima fornecida pela cultura não é, pois, um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese. Esse processo é, para Vigotsky, um dos principais mecanismos a serem compreendidos no estudo do ser humano. É como se, ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo “tomasse posse” das formas de comportamento fornecidas pela cultura, num processo em que as atividades externas e as funções interpessoais transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas. (2006, pág. 38)

Poderíamos afirmar que, de certa forma, conceitualizar é dar significação aos objetos, às palavras, às ações, mas que ainda seria nossa forma particular de entender o que já fora conceitualizado pela sociedade. Ainda segundo Marta Khol, Vigotsky divide esse processo, de conceitualização em três grandes estágios, subdivididos em várias fases (1992, pág. 28). De modo geral, o primeiro estágio é o da formação de conjuntos sincréticos onde a criança agrupa os objetos baseados em nexos vagos, subjetivos, instáveis e não relacionados com os atributos relevantes de tais objetos. Já no segundo

estágio, o qual foi chamado por Vigotsky de “pensamento por complexos”, o indivíduo agrupa os objetos de acordo com noções não-abstratas, concretas, unindo-os por ligações factuais descobertas por meio da experiência direta, combinados de acordo com sua similaridade, conforme as impressões se agrupam. Porém, a formação dos conceitos propriamente ditos, baseados em um único atributo, onde são observadas características isoladas da totalidade concreta, se dá no terceiro estágio.

Pode parecer que este desenvolvimento da conceitualização seja linear, mas Marta Khol esclarece que Vigotsky, ao propor uma certa ordem, não fixou limites claros (1992, pág. 29), pois, o indivíduo pode apresentar características transitórias entre cada estágio, inclusive, de acordo com a seu desenvolvimento geral, e dependendo de sua capacidade cognitiva, estar incessantemente adquirindo novos conceitos, mesmo já interiorizado os conceitos mais antigos, refazendo assim, novamente, o caminho da construção, ou melhor, da reconstrução de conceitos.

Sendo assim, como já fora mencionado anteriormente, o processo de conceitualização passa pelo estágio de “pensamentos por complexos” que são subdivididos em algumas fases, das quais iremos abordar, principalmente, as que estão diretamente ligadas à faixa etária estudada.

Em princípio, dentro do segundo estágio do desenvolvimento da linguagem da criança, a primeira fase pesquisada por Vigotsky, dentro dos “pensamentos por complexos” é a fase do complexo associativo, que se baseia na percepção da criança a um objeto relacionando-o a outros de acordo com um atributo específico que lhe chame a atenção.(2005, pág. 77).

Já na fase seguinte, chamada de “complexos por coleções”, a criança cria agrupamentos entre os objetos de acordo com alguma característica que os difere entre si, porém são complementares pois possuem alguma cooperação funcional, ou seja, uma ação colaborativa.(2005, pág. 78).

Posteriormente, depois que a criança percebeu essa colaboração entre os objetos devido a alguma característica isolada, seja ela em comum ou não, ela começa a observar o objeto como um todo, e assim passa pelo chamado “complexo em cadeia”.(2005, pág.80)

Mais tarde a criança passa pelo “complexo difuso” que, de acordo com Vigotsky, “é caracterizado pela fluidez do próprio atributo que une seus elementos. Grupos de objetos ou imagens perceptualmente concretos são formados por meio de conexões difusas e indeterminadas”.(2005, pág. 81). Esse complexo poderia ser explicado, de certa forma, como se fosse a antítese do “complexo de coleções” e do “complexo em cadeia”, pois a associação dos objetos é dada por atributos vagos, instáveis e irrealis.

No entanto, após passar por esta fase que chamaríamos de “um tanto perturbada”, a criança passa a uma fase tão próxima ao do estágio dos conceitos que quase pode compreendê-los, pois o seu conceito já é muito parecido com o conceito formulado pelos adultos, porém ainda é um complexo, e não um conceito. O nome dado a essa fase é “complexo de pseudoconceitos”. Sendo que ela se caracteriza por ser o elo entre os pensamentos por complexos e os pensamentos por conceitos.(2005, pág. 85).

Nesta fase específica, a criança transmite uma informação, através da fala, muito parecida com a do adulto, pois seus “pseudoconceitos” estão extremamente ligados aos conceitos dos adultos, embora não estejam ligados aos mesmos parâmetros. Essa transição entre os “pseudoconceitos” e o conceito propriamente dito não são percebidos claramente pela criança, justamente por essa similaridade com os conceitos dos adultos.(2005, pág. 86).

Ainda para Vigotsky, “as palavras da criança e do adulto coincidem quanto aos seus referentes, mas não quanto aos seus significados”. (2005, pág. 91)

No entanto, também faz-se necessário diferenciar algo que é muito importante para esta pesquisa: os conceitos de significado e de sentido. Segundo Marta Khol, Vigotsky traça as principais características para os dois conceitos levando em conta, principalmente quanto ao uso, quem usa, e onde usa. Isso pode ser visto mais claramente no trecho a seguir:

O significado propriamente dito refere-se ao sistema de relações objetivas que se formou no processo de desenvolvimento da palavra, consistindo um núcleo estável de compreensão da palavra, compartilhado por todas as pessoas que a utilizam. O sentido, por sua vez, refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências efetivas do indivíduo.(2006, pág. 50) (grifo nosso)

No que se refere ao processo de aquisição da linguagem, levando em conta o processo de conceitualização, poderíamos dizer que a criança, ao buscar comunicar-se, está, na verdade, buscando adequar o sentido que quer expressar com determinada palavra, ao significado que já existe para essa mesma palavra dentro de sua cultura.

A partir de agora, e como já foram buscados dados e informações dentro de duas vertentes teóricas, serão trazidos dados mais estruturalistas, mais precisamente, pragmáticos, pensando na capacidade de análise da vocalização das palavras pela criança. Para isso, será utilizado, além do trabalho de Víctor M. Acosta, também o trabalho de Raquel Santos.

2.2 Desenvolvimento da linguagem

Neste subcapítulo trabalhar-se-á com as pesquisas de Víctor Acosta e Raquel Santos, sendo que o primeiro aborda a temática da aquisição da linguagem sob uma perspectiva de análise pragmática, morfossintática e semântica, a través de métodos de observações dos estágios de tal processo, enquanto a segunda analisa o mesmo processo, desta vez mais dirigido ao Português, tanto do Brasil quanto de Portugal, de uma perspectiva chomskyana acerca do desempenho e competência apresentados pela criança.

Sendo assim, como já foi dito, Víctor Acosta analisa, em um primeiro momento, a través da pragmática, o nível linguístico da criança, ou seja, a través do uso que essa criança faz do idioma que está aprendendo a utilizar (2003, pág. 33).

De maneira geral, segundo Acosta (2004, pág. 57), a criança começa por vocalizar dentro do padrão básico CV (consoante vogal), para posteriormente adquirir o padrão composto CVC (consoante, vogal, consoante).

No entanto, segundo o trabalho de Santos, tanto no português brasileiro quanto no português europeu, não há uma mudança de direção única para o modo CVC, porém, em ambos os casos, o início se dá no modo CV. Isso é

exemplificado pela autora da seguinte maneira:

A constituição básica da sílaba em português é a conhecida como CV (consoante, vogal). Além dessa, outras podem ser encontradas: v (vogal), CCV (consoante, consoante, vogal), CVC (consoante, vogal, consoante), CVV (consoante, vogal, vogal). As estruturas V, CV e CCV são consideradas sílabas leves, e as estruturas CVV e CVC são consideradas sílabas pesadas. (2008, pág. 212)

Logo mais adiante, Santos afirma que o processo de aquisição varia muito pouco de criança para criança, e que, tanto em português brasileiro quanto no europeu, as crianças iniciam a produção em sílabas CV e depois adquirem a sílaba V em posição de início de palavra. (2008, pág. 212) Ainda segundo ela, em crianças a partir de um ano e onze meses já é possível encontrar estruturas de V em não-início de palavra, que, no entanto, são estruturas evitadas por um certo tempo pelas crianças, tendo em vista que modificam o enunciado e, também, para que estejam em conformidade com a estrutura CV. Na sequência, a criança antes de adquirir a estrutura CVC, pode suprimir a C final, substituí-la, ou duplicar e estrutura CV, passando a utilizar a estrutura CVCV, sendo que somente após os dois anos de idade é que ela pode adquirir a estrutura CCV.

Tal processo de aquisição silábica é explicado por Santos da seguinte maneira:

Pode-se dizer que a criança começa com a constituição básica, universal. A seguir, a criança trabalha com o fato de que a posição da rima pode ramificar, bifurcar, e aí têm-se CVC e CVV. Essa ramificação é importante porque torna a sílaba pesada (o que atrai o acento em português, segundo algumas teorias sobre o acento). Por fim, a última estrutura a ser adquirida é a CCV. Essa estrutura foge da constituição básica, mas não torna a sílaba pesada. Esse é um dos possíveis argumentos para explicar por que essa estrutura é a última a aparecer. (2008, pág. 213)

Como foi dito anteriormente, Acosta também analisa o processo de aquisição da linguagem sob uma perspectiva morfossintática sendo que, segundo ele, não há tantas discordâncias quanto as etapas, ou fases, pelas quais a criança passa (pág.77). Ainda para ele, “o estudo morfossintático de uma língua, ou seja, o conhecimento da organização formal do seu sistema linguístico, constitui um dos fundamentos da linguística: o que tradicionalmente

se denomina *gramática*” (2003, pág. 71). Contudo, como este trabalho restringe-se a idade de até dois anos, procurar-se-á compreender o processo de aquisição sob o prisma morfossintático somente nas duas primeiras fases, a da “pré-linguagem”, e do “primeiro desenvolvimento sintático”, pois a primeira abrange os primeiros doze meses da criança e a segunda vai dos doze aos trinta meses, ou seja, exatamente o período a que nos dispomos a pesquisar.

3 A SÍNDROME DE TURNER

Faz-se altamente necessário conhecer as características físicas e psicológicas de portadoras de ST. Assim, em um primeiro momento, passa-se a transcrever alguns dados coletados de sites médicos, salientando-se que essa busca através da “web” tornou-se fundamental, pois ao tentar fazer esta coleta dentro dos arquivos médicos da UPF, não foi obtido o sucesso esperado, tendo em vista que não havia artigos científicos com esse tema, ou que tal condição genética sequer fosse objeto de investigação.

Pesquisas afirmam que a ST constitui-se de uma monossomia – falha cromossômica no momento da fecundação – caracterizada pela falha do cromossomo 45, apresentando o cariótipo, entre outros, 45X, recebendo a herança genética, dentro desse cromossomo, somente da mãe, apresentando o padrão genético X0.⁶

Essa síndrome afeta um a cada dois mil nascimentos de meninas⁷, sendo que somente cerca de 3% desses nascimentos chegam à idade adulta. Suas principais características são: baixa estatura, pescoço alado, problemas renais, problemas cardíacos, amenorreia, infertilidade e falência ovariana prematura.

Por se tratar de uma falha cromossômica que desencadeia a falta de hormônio de crescimento, GHDA⁸, desta forma alterando o desenvolvimento

6 Turner Syndrome Society. Disponível em:
<http://www.turnersyndrome.org/index.php?option=com_content&task=view&id=40&Itemid=63>
Acesso em: 15 out 2009

7 Ib Idem

8 Fonte: Nordisk. Falta do Hormônio de Crescimento em Adultos . Disponível em:
<http://www.novonordisk.com.br/documents/article_page/document/sobredisturbiosdocrescimento.as

físico da portadora de ST, bem como seu desenvolvimento cognitivo, psicológico e social, faz-se necessário estudos mais aprofundados dos casos existentes.

Sendo assim, esta pesquisa chegou ao artigo *Manifestações neurológicas da Síndrome de Turner*⁹ de Paulo César Trevisol-Bittencourt que apresenta em sua introdução um breve histórico acerca da ST

Henry Turner descreveu em 1938 uma síndrome caracterizada por "infantilismo sexual, pescoço alado e cúbitos valgus". Nos anos subsequentes, disgenesia gonadal foi definida como parte da síndrome e foram encontrados muitos pacientes com Barr body (cromatina sexual) negativos. Em 1959, **Ford et al relataram que em típicos pacientes com esta síndrome havia falta de um cromossomo sexual (45,X) (grifo nosso)**. Desde então, uma variedade de anormalidades do cromossomo X e também mosaïcismo foram associadas com a Síndrome de Turner e as malformações congênitas características tornaram-se conhecidas como os estigmas de Turner. A importância desta condição é evidenciada por alguns aspectos epidemiológicos: ela ocorre em 1 entre 4000 a 10000 nascidos vivos, dando uma incidência aproximada de 1 entre 2500 recém natos do sexo feminino. É também notável que 98-99% das gestações de fetos com Síndrome de Turner abortam espontaneamente e que aproximadamente 10% dos fetos das gestações que têm sido espontaneamente abortadas terão síndrome de Turner. Ela é, por conseguinte, uma alteração cromossômica comum durante o período concepcional, que é altamente letal durante a vida intrauterina. O diagnóstico da Síndrome de Turner será feito no período neonatal em um terço dos pacientes, um outro terço será diagnosticado durante a infância e o terço restante será na puberdade, quando elas chamarão a atenção de familiares por apresentarem um desenvolvimento diferente. (pág. 04)

Ainda no mesmo artigo, Trevisol-Bittencourt relata os principais estigmas congênitos da ST, que são: estatura baixa, tórax em escudo, pescoço alado, linfedema periférico ao nascimento, quarto metacarpo ou metatarso curto, unhas hipoplásicas, múltiplos nevos pigmentados, coartação da aorta.

Seguindo em frente em seu artigo, Trevisol-Bittencourt discorre um pouco acerca do tema aqui abordado. Segundo ele:

...Money, pesquisando déficits neuropsicológicos, encontrou nas suas pacientes uma "significativa discrepância entre a performance obtida nos **testes verbais (grifo nosso)** e de QI, com o pior desempenho sendo observado na organização perceptual, isto é, um tipo de cegueira espacial, além de um certo grau de discalculia ...há também quem afirme que a prevalência de retardo mental em

p> Acesso em: 17 out 2009

9 TREVISOL-BITTENCOURT, Paulo Cesar. *Manifestações neurológicas da Síndrome de Turner*. 38 pág. Disponível em:

<http://www.neurologia.ufsc.br/index.php?view=article&catid=3%3Aartigos&id=63%3Amanifestacoes-neurologicas-da-sindrome-de-turner&format=pdf&option=com_content> Acesso em: 16 nov 2009

pacientes com Síndrome de Turner que tenham anormalidades no cariótipo limitadas ao cromossomo X, não será diferente que na população em geral. Apesar das controvérsias, **parece haver um consenso de que o achado de déficit intelectual deveria merecer cuidadosa avaliação.**(pág. 14) **(grifos nossos¹⁰)**

Pode-se observar que entre os dois artigos não há maiores disparidades no que se refere as informações prestadas dentro do campo médico.

Partindo-se mais para o campo central do tema proposto encontrou-se o artigo *Aspectos psicossociais da Síndrome de Turner*¹¹, de Maciel-Guerra, Silva & Suzigan, o qual nos evidencia o aspecto cognitivo de portadoras de ST da seguinte maneira:

Acreditava-se, inicialmente, que portadoras da ST apresentavam retardo mental, mas atualmente sabe-se que a maioria dessas pacientes possui inteligência normal, apesar de existirem dificuldades específicas de aprendizagem...Entre as dificuldades de aprendizagem específicas observadas durante a infância e a idade adulta estão distúrbios de memória visual, atenção e raciocínio matemático, em consequência de problemas na percepção espacial e temporal, bem como na coordenação óculo-manual.(2005, pág. 161)

Segundo Maciel-Guerra, Silva & Suzigan¹² “Meninas com ST apresentam menor competência social quando comparadas com aquelas com baixa estatura e cariótipo normal e com meninas com estatura normal. Em alguns estudos, as próprias pacientes afirmam ter problemas sociais”.(2005, pág.159) Evidencia-se assim, um possível isolamento, acarretando, talvez, um déficit no processo de aquisição de linguagem, pois segundo Vigotsky, “o crescimento da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem” (2005, pág. 63). Mas será que há realmente esse déficit dentro do processo de aquisição de linguagem em virtude desse isolamento social?

Talvez a resposta a essa perguntas se dê na presente pesquisa, porém, acredita-se que somente pela amostra de uma única menina não se possa afirmar nada em relação às condições psicossociais, de maneira geral, das

10 Grifos do autor do projeto.

11 MACIEL-GUERRA, Andréa T.; SILVA, Roberto B. de Paiva e; SUZIGAN, Lígia Zuppi C.; *Aspectos psicossociais da Síndrome de Turner*. Arq Bras Endocrinol Metab vol 49 nº 1 Fevereiro 2005. Pág. 157 a 164. Campinas. 2005. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/abem/v49n1/a20v49n1.pdf>>. Acesso em: 14 out 2009.

12 Ib idem

portadoras de ST. Assim, no próximo capítulo, parte-se diretamente para a pesquisa e a análise das observações realizadas de acordo com o embasamento teórico exposto.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica baseada na vertente teórica do Sócio interacionismo, bem como nos trabalhos de análise da linguagem de Víctor Acosta, e com estudo interpretativista dos dados com base na observação *in loco* do desenvolvimento linguístico da criança pesquisada, no período compreendido entre a segunda quinzena de agosto de 2009 e a primeira quinzena de maio de 2010. Salienta-se aqui, que a criança que serviu de amostragem para o estudo nasceu em 21 de março de 2008, ou seja, estava com 1 ano e cinco meses no início das observações.

Para um melhor desenvolvimento do relato da pesquisa, não será feita a análise de cada palavra expressa pela criança que serviu de amostragem, que doravante será chamada de AC, e sim escolhidas algumas que, dentre elas, demonstrem e exemplifiquem em qual estágio ela passou/passa, para então discorrer teoricamente acerca das mesmas.

4.1 Análise dos dados

Iniciando, será relatadas as duas primeiras palavras proferidas por AC, nas quais foi possível perceber que continham significação, palavras ditas espontaneamente, e que foram /mó/ e /mã/, para designar respectivamente pai e mãe, ditas na primeira quinzena de agosto/2009, ou seja, com um ano e cinco meses. Pode-se perceber, do ponto de vista fonológico, que o desenvolvimento de AC se deu de acordo com o que afirmam Santos e Acosta quando propõem que o início desse processo se dá de modo que a criança entre no esquema CV (consoante, vogal), ou simplifique seu esquema próprio para chegar no mesmo esquema CV.

Assim, Santos exemplifica tal fato, sendo que, segundo ela, o processo de aquisição varia muito pouco de criança para criança, e que, em português

brasileiro e europeu, as crianças iniciam a produção em sílabas CV e depois adquirem a sílaba V em posição de início de palavra. (2008, pág. 212). Logo mais, na quarta semana de agosto, AC já falou /paie/ para /pai/ e /mae/ para /mãe/, demonstrando assim, um ganho silábico no período de quinze a vinte dias.

No mês de outubro, mais precisamente na terceira semana, com um ano e oito meses, o ganho léxico foi considerável, já contando com aproximadamente 85 palavras, todas elas tendo significação compreendida. Um exemplo desta fase é a palavra /baíga/, correspondendo a barriga.

Para /baíga/, podemos perceber que houve, segundo Acosta, no processo de aquisição silábica, uma vocalização (pág. 60), ou seja, o fonema vibrante /r/ transformou-se em vogal anterior alta /i/, o que nos parece mais lógico diante de outras palavras também ditas pela amostra, tais como /noiena/, /poitau/, /quiida/ e /lijeio/, que correspondem a Lorena, portão, querida e ligeiro. Contudo, também poderíamos dizer que houve uma supressão do grupo consonantal (pág. 60) formado pelo fonema vibrante /r/, mas somente com relação ao primeiro exemplo, pois o fonema /i/ apareceria duplicado, o que, segundo Acosta, foge da regra de simplificação da fala usada pela criança.

Já na primeira semana de novembro, foi observado que AC falava /belo/ para /cabelo/, /bodo/ para /bolo/, e a primeira utilização de um verbo conjugado adequadamente. Esse verbo foi o verbo vir, conjugado na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, /vem/, contudo, transformado em /jem/. Cabe salientar que AC já utilizava verbos, contudo em terceira pessoa do presente do indicativo, e também no infinitivo.

No caso de /belo/ para /cabelo/ houve, segundo Acosta, uma omissão de sílabas átonas, que nada mais é que a tendência para omitir sílabas átonas de palavras com mais de uma sílaba usadas por adultos. Essa estratégia, ainda segundo ele, é comumente usada durante o processo de aquisição de polissílabos (pág.58). Pode-se observar plenamente a tentativa de utilização de palavras com mais de duas sílabas.

Em dezembro, constatou-se um avanço no uso de verbos conjugados nos tempos considerados adequados à intenção comunicativa de AC. Entre os

exemplos que podem ser mencionados estão: /tô/ para /estou/, /tava/ para /estava/, como também o uso das formas nominais dos verbos, tais como /fajeno/ para /fazendo/, /ido/ para /indo/, /muxãdo/ para /almoçando/, entre outros. Cabe salientar aqui, o uso por AC de seu próprio nome antes dos verbos mencionados, colocando-se no lugar do sujeito. ex., /Aña muxãdo/ para /Ana almoçando/.

Tais exemplos estão em consonância com os estudos morfossintáticos de Acosta, pois segundo ele, é nessa fase dos 18 aos 24 meses que há um ganho de mais um termo, o qual se une a outro já existente para formar uma oração, além do início do uso das primeiras flexões.(pág.78). Isso também ficou evidenciado na primeira semana de novembro, com os exemplos anteriores.

Em janeiro, evidenciou-se, em AC, o uso do esquema N – V – N (nome, verbo, nome), fato que se daria, segundo Acosta, depois dos 24 meses, fase em que se há um ganho sintático referente a preposições, artigos, pronomes, ou seja, palavras-função (pág.78).

Aqui está um exemplo de oração feita no esquema N-V-N por AC no período já mencionado:

– /Nun kéio mimi/ para /Não quero dormir/

Nesta oração pode-se observar o uso do advérbio /não/ em início de frase, além do pronome /eu/ implícito. Nessa oração tem-se uma evolução no uso do verbo, pois o mesmo está conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em conformidade com o /eu/ implícito, além de estar subentendido o verbo auxiliar /dormir/ no infinitivo, formando assim, uma locução verbal.

Desta forma, tornou-se claro que AC estava, segundo Acosta, da segunda para a terceira fase do desenvolvimento morfossintático, pois havia adquirido o uso de outras funções gramaticais, tais como, pronomes, advérbios, formais verbais compostas, além de começar a utilizar o /não/ no início do enunciado, sendo que este parâmetro de acordo com a idade.(pág.78) , e os demais, mesmo que em período antecipado, foram utilizados de forma correta.

Seguindo nas observações, já no mês de fevereiro, na segunda semana, evidenciou-se, o uso, por AC, de preposições em orações simples, a distinção de gênero, e algumas aplicações do uso de desinências de número, além de contrações de artigos com preposições. Abaixo pode-se ver a transcrição de uma oração que evidencia o estágio linguístico de AC.

– /Aña kome pa kesê/ para /Ana come para crescer/.

Na oração citada como exemplo, pode-se observar que AC segue usando seu nome como sujeito da oração, ainda com o fonema nasalizado /ñ/, temos também o verbo comer conjugado na 3ª pessoa do singular no presente do indicativo, a preposição /para/ em forma apocopada, e o verbo crescer.

Semanticamente, poder-se-ia dizer que AC se enquadra no terceiro e, também, no quarto pilar do estudo semântico de Acosta, na produção e no tipo de significação, respectivamente. Este se baseia no uso de determinadas palavras que agrupam diferentes referentes, mais especificamente na significação semântico-gramatical, que introduz o uso de palavras com significação contextual, isto é, preposições, conjunções, determinantes, advérbios ou pronomes (pág.96). Já aquele, caracteriza-se pela avaliação de elementos formais da fala da criança (pág.91).

No mês de março ocorreu uma espécie de retração da capacidade comunicativa de AC, principalmente após a segunda semana do mês, próximo ao seu aniversário. Esse fato deixou o pesquisador inquieto pois não haveria um motivo físico, ou qualquer enfermidade que pudesse justificar a necessidade de AC em calar-se e evitar conversar com outras pessoas que não fossem familiares diretos, e ainda assim, de maneira bem mais simples a que estava apresentando até então.

Depois de muito refletir acerca dos motivos para tal situação, em um determinado momento tornou-se evidente. AC havia começado frequentar uma escolinha de educação infantil da rede pública municipal, fato que gerou, talvez, muitas angústias e incertezas dentro do seu psiquismo, pela exigência de ela adaptar-se em outro local, com outro sistema social, e com regras diferentes do seu núcleo familiar.

Neste período, também foi possível perceber uma volta de AC a fase de

N – V (nome, verbo), juntamente com informações passadas por gestos, o que indica uma forte tendência emocional na comunicabilidade, podendo-se buscar em Vigotsky a explicação para esse “silêncio” de AC em virtude da adaptação a outro ambiente sociocultural.

Na segunda semana de maio, nova surpresa, pois com a adaptação já completa, foi possível perceber uma transformação do desempenho linguístico de AC, que passou a utilizar esquemas cada vez mais complexos nos seus enunciados, fazendo acreditar que estaria retornando a fase dos “complexos difusos” (2005, pág.81) e passando para a fase dos “pseudoconceitos” propostos por Vigotsky (2005, pág.85).

Exemplifica-se tal fase com o relato de uma conversa entre o pesquisador e sua filha. Vejamos então:

Por ser portadora de ST, AC necessita realizar tratamento com GH sintético – hormônio do crescimento – cuja aplicação deve ser realizada com injeções diárias do produto Somatropina¹³ a través de seringas apropriadas, iguais as usadas para aplicação de insulina. Por isso, todas as noites, o pesquisador e sua esposa têm de preparar a solução, e aplicá-la de forma intramuscular, o que causa um certo desconforto em AC.

Pois bem, em uma destas noites, antes de realizar o procedimento, o pesquisador foi questionado por AC acerca da necessidade da injeção, além da argumentação feita para que não fosse feita a aplicação, o que é transcrito a seguir:

/papaijiño, puquê ana pixija fazê guiti?/ para /papai, porquê Ana precisa fazer injeção?/

/num kéio fazê guiti. Num pixija./ para / Não quero fazer injeção. Não precisa/

/Eu tô beñ, papaijiño. Num tô dodói. Já tô gandi. / para / Eu estou bem, papaizinho. Não estou dodói. Já estou grande/

Não é possível deixar de comentar do espanto do pesquisador acerca do

13 HORMÔNIO DO CRESCIMENTO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2010. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Horm%C3%B4nio_do_crescimento&oldid=20488952. Acesso em: 08 jun 2010.

teor semântico dos enunciados apresentados, tendo em vista que são frases que necessitam de uma grande capacidade de conceitualização dos significados expressos. Por isso, podemos acreditar que AC, como já fora dito, entrou na fase dos “pseudoconceitos”, sendo que segundo Vigotsky, é nesta fase específica, que a criança transmite uma informação, através da fala, muito parecida a do adulto, pois seus “pseudoconceitos” estão extremamente ligados aos conceitos dos adultos, porém não estão ligados aos mesmos parâmetros (2005, pág.86).

Agora, se analisarmos pelo ponto de vista de aquisição semântica, é possível dizer que AC encontra-se no terceiro estágio de tal desenvolvimento, o estágio dos tipos de significação, tanto na significação léxica, que, segundo Acosta, é o conhecimento dos significados das palavras quando usadas com diferentes referentes (2003, pág.92), quanto a significação semântico-gramatical, que é caracterizada, pelo mesmo autor, como o uso de palavras com significação contextual, ou seja, preposições, conjunções, determinantes, advérbios ou pronomes (2003, pág.96).

Assim, dentro do que já foi estudado, é possível afirmar que essa explosão léxico-semântica deve-se ao fato de AC entrar em contato com outra realidade social, ou seja, a escolinha, fazendo com que se sentisse obrigada a se adaptar, e que, também, não nos resta dúvida, mesmo tendo causado uma retração temporária, foi determinante para esse desenvolvimento mais efetivo, uma espécie de “retirada estratégica” para que, posteriormente, voltasse com mais força.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após longo percurso, entre pesquisa, observação e análise, dentro do processo de aquisição de linguagem, não evidenciaram-se padrões dissonantes entre AC e ao que já é conhecido para crianças consideradas “normais”, mesmo com o fato de que a partir dos dois anos de idade, ela acelerou bruscamente a aquisição léxica e semântica, ficando um pouco para trás a questão do desenvolvimento fonológico, tendo em vista que o aparelho

fonador estar em desenvolvimento e ainda não permite, nesta idade, avanços muito expressivos.

A respeito da ideia de que portadoras de ST possuem capacidade cognitiva abaixo do normal, ideia essa difundida em pesquisas mais antigas, somente podemos dizer que também não evidenciou-se na criança pesquisada tal realidade, inclusive essa capacidade mostrou-se até superior, baseando-se tal afirmação, principalmente, no período posterior a adaptação escolar.

Outra situação que também pode influenciar no processo de aquisição da linguagem, bem como no desenvolvimento cognitivo, é a questão das características físicas apresentadas pela portadora de ST. Explica-se: é sabido que nossa sociedade atual não é um exemplo de humanismo e tolerância para com aqueles que são diferentes, mesmo havendo imensos esforços para que essa realidade possa ser mudada. Assim, o preconceito, as ideias equivocadas, e até mesmo o *bullying*¹⁴, podem provocar uma retração social da parte da portadora de ST, pois com sua pouca estatura, torna-se alvo de tais ações, acarretando assim, talvez, um déficit na qualidade das relações sociais, que são essenciais para o desenvolvimento da criança.

Também é possível afirmar que portadoras de ST, de modo geral, tendem a ser pouco estimuladas pelos seus cuidadores – pais, mães, avós, etc. – justamente pelo sua estatura, pois estes levam em conta mais o tamanho que a idade, o que leva a uma estimulação errônea, tendo em vista que tal estímulo está em desacordo com a fase apresentada pela criança.

E por fim, encerra-se este trabalho com a certeza de que foi feito o máximo para alcançar o objetivo proposto, porém, por não ser um campo de pesquisa muito explorado e não haver material em abundância, de certa forma, frustrou-se o desejo de compreender ao máximo a ST, bem como seus efeitos psicológicos, físicos, e cognitivos.

14 BULLYING. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2010. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Bullying&oldid=20592317>>. Acesso em: 08 jun 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Víctor M. (coord.). *Avaliação da linguagem: teoria e prática do processo de avaliação do comportamento linguístico infantil*. - São Paulo. Ed. Santos, 2003. 214 p.

AMNIOCENTESE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2009. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Amniocentese&oldid=17476386>>. Acesso em: 23 mar 2010

BULLYING. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2010. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Bullying&oldid=20592317>>. Acesso em: 08 jun 2010.

HORMÔNIO DO CRESCIMENTO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2010. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Horm%C3%B4nio_do_crescimento&oldid=20488952>. Acesso em: 08 jun 2010.

MACIEL-GUERRA, Andréa T.; SILVA, Roberto B. de Paiva e; SUZIGAN, Lígia Zuppi C.; *Aspectos psicossociais da Síndrome de Turner*. Arq Bras Endocrinol Metab vol 49 nº 1 Fevereiro 2005. p. 157 – 164. Campinas. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abem/v49n1/a20v49n1.pdf>>. Acesso em: 14 out 2009.

NEGRÃO, Esmeralda; SCHER, Ana; VIOTTI, Evani. *Competência Linguística*. In. FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 5 ed. 2ª reimpressão. - São Paulo. Contexto, 2008. p. 95 – 120.

NORDISK. Growth Hormone Deficiency Adults. Falta do Hormônio de Crescimento em Adultos. Disponível em: <http://www.novonordisk.com.br/documents/article_page/document/sobredisturbiosdocrescimento.asp> Acesso em: 17 out 2009

OLIVEIRA, Marta Khol de; *Vygotsky e o processo de formação de conceitos*. In: LA TAILLE, Yves de (org.). *Piaget, Vygotsky, Wallon*. - São Paulo: Summus, 1992, p. 23 – 34.

_____; *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. - São Paulo: Scipione, 1997. 110 p.

PETTER, Margarida. *Linguagem, Língua, Linguística*. In. FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 5 ed. 2ª reimpressão. - São Paulo. Contexto, 2008. p. 11 – 24

SANTOS, Raquel. *Aquisição da Linguagem*. In. FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 5 ed. 2ª reimpressão. - São Paulo. Contexto, 2008. p. 211 – 226.

TREVISOL-BITTENCOURT, Paulo Cesar. *Manifestações neurológicas da Síndrome de Turner*. 38 pág. Disponível em:
<http://www.neurologia.ufsc.br/index.php?view=article&catid=3%3Aartigos&id=63%3Amanifestacoes-neurologicas-da-sindrome-de-turner&format=pdf&option=com_content> Acesso em: 16 nov 2009

TURNER SYNDROME SOCIETY. Disponível em:
<http://www.turnersyndrome.org/index.php?option=com_content&task=view&id=40&Itemid=63> Acesso em: 15 out 2009

VYGOSTKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e Linguagem*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. Revisão: José Cipolla Neto. - 3ª ed. - São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2005. 194 p.